

JORNAL: CORREIO DA MANHÃ LOCAL: GUANABARA

DATA: 30 / 1 / 1968 AUTOR: _____

TÍTULO: _____

ASSUNTO: RENÉ LÚCIO REVELAÇÃO DE IVAN

SEGUNDO CADERNO — CORREIO DA MANHÃ — 30 DE JANEIRO 1968 — PAG. 8

POP

AG, FMS & CIA.

René Lucio

René Lucio foi revelação em xilogravura aos quinze anos de idade. Fez o curso infantil de Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna e lá recebeu uma boa dose de estímulo, chegando a aparecer em duas exposições apresentadas no Museu de Arte Moderna. Já então tinha um estilo de desenho e gravura que se aproximava um pouco de Goeldi, um pouco de Segall (que não conhecia) e um pouco, somando os dois, do Expressionismo alemão. Um estilo ao mesmo tempo seco e dramático, carregado do *sturm und drang* da escola.

Aos poucos, no entanto, os problemas pessoais levaram a melhor e René foi deixando de lado a xilogravura. Há três anos atrás era um artista "extinto". Suas gravuras tornaram-se peças de colecionador se não entre o público, que não o conhecia, pelo menos entre os próprios gravadores. Vimos Newton Cavalcanti e Martha Alencar, entre outros, guardando trabalhos seus com verdadeiro carinho. Foi apenas há coisa de um ano que uma série de novas oportunidades foram surgindo.

Primeiro houve o caso de um amigo que lhe pediu alguns trabalhos para ilustrar um livro. Depois Vicente Berreto, no Cadernos Brasileiros, pensou em apresentar trabalhos seus, mas nisso foi sustado por Clarival Valladares, que com a visão costumeira decidiu que René não tinha futuro. Finalmente veio uma oportunidade através do Departamento Cultural do Itamarati, de fazer uma exposição em Buenos Aires e outra em Montevideu. Em B. A. nosso amigo teve um sucesso bastante grande, mas foi em Montevideu que as coisas realmente aconteceram. Lá tornou-se do dia para a noite verdadeiro herói nacional, com um convite para ensinar na Faculdade de Belas-Artes platina e outro para ficar um ano trabalhando em grupo, com todas as despesas pagas. Vendeu tudo que tinha, e foi ainda convidado a fazer um afresco de parede numa grande instituição comercial.

Tendo em vista o sucesso dessa viagem, o Itamarati em seguida o enviou numa viagem de divulgação cultural, onde andou fazendo exposições em Paris, na Itália, e há poucos dias teve sua exposição em Lisboa inaugurada pelo embaixador Carlos Sylvestre de Ouro Preto.

Toyota 2000 GT é fogo

Como se sabe, o último filme de James Bond (que algum dia ainda vai chegar nestes atrasados Brasis) se passa no Japão, e o conhecido herói se vê às voltas com dezenas de japonesas impressionantes. Mas a japonesa mais impressionante com quem se relaciona é uma barata de corrida, o Toyota 2000 GT. O Toyota 2000 GT é fogo. Combina as formas delgadas e esbeltas de um "Dino" Ferrari com a potência de um Porsche. Tem assentos do tipo "avião", bem envolventes e com cinto de segurança, volante telescópico, uma aerodinâmica primorosa que lembra a do Jaguar E.

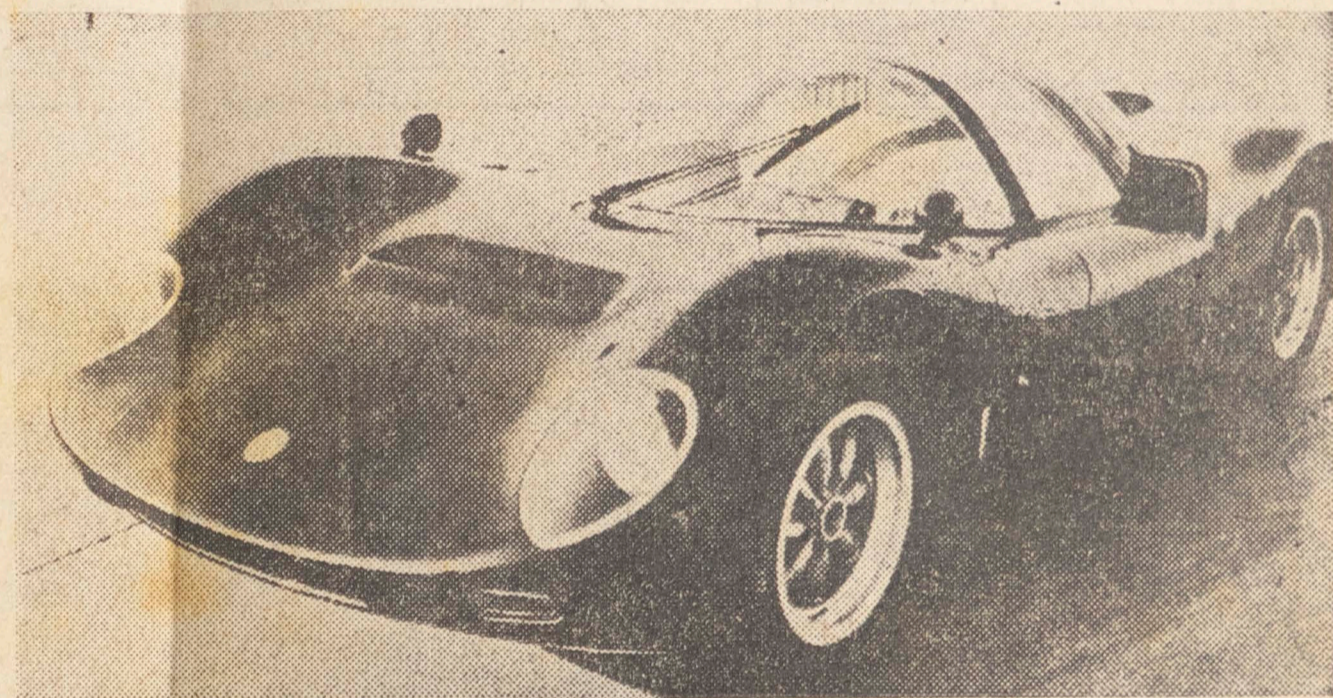
O motor é de seis cilindros, alimentado por três carburadores de corpo duplo, dando uma potência de 150 cavalos a 7.000 rotações por minuto. Além dos argumentos de ordem mecânica o novo Toyota é uma jóia no acabamento, com painel de instrumentos de madeira, cinco mudanças, rádio de frequência modulada, porta-bagagens habilmente disfarçado por detrás dos assentos. A velocidade vai a 251 quilômetros por hora.

Com todos esses atributos, não é de espantar que a Toyota, que a eles acrescenta um preço ridículo, esteja invadindo os mercados europeus e causando verdadeiro pânico na Inglaterra, onde os carros *sport* de fabricação indígena não agüentam a competição. O ano que vem verá a revelação da marca Toyota nas 24 horas de Le Mans, enquanto que outras marcas japonesas já estão ameaçando o East African Safari e o Rallye de Monte Carlo.

Pequeno Príncipe

Causou estertores o fato de esta coluna ter apontado que há tipos físicos que não combinam com certos papéis; que o falecido *sir* Winston Churchill, por exemplo, nunca poderia fazer papel de bailarina.

Aos que acham isso um ultraje, especialmente a um certo sujeito obeso que aparentemente se arvorou em guardião do harém cinemanovista, temos uma sugestão a fazer. Se um dia esse indivíduo conseguir fazer um filme (coisa que até hoje nunca conseguiu, tornando-se o primeiro cineasta-sem-filme), faça uma versão cinematográfica do *Pequeno Príncipe* com ele mesmo no papel principal. Vai ficar uma gracinha.



O Toyota 2000 GT. Uma fera



Jardim do Paraíso, Gravura de René Lucio